

FILOSOFIA E ESCRITURA NA PRIMEIRA ESCOLA CRISTÃ

Ulpiano Vázquez, SJ
Fac. Teologia CES—SJ (BH)

Quando e para quem as ciências filosóficas são úteis para a interpretação da Sagrada Escritura, segundo o seu próprio testemunho?

Esta questão, assim formulada, é o título do Capítulo décimo terceiro da famosa *Philocalia* de Orígenes, antologia ou florilégio de textos do grande teólogo alexandrino sobre as Escrituras. Esses textos, conforme a tradição, foram recolhidos, selecionados e apresentados, com títulos em que se resume o assunto de cada um dos capítulos, por S. Basílio e S. Gregório Nazianzeno no final do séc. IV, possivelmente no ano 383¹.

O texto da *Philocalia* que está precedido pela questão sobre a utilidade da filosofia para a interpretação da Escritura foi originalmente uma carta de Orígenes que, segundo os historiadores, deve ter sido escrita por volta do ano 238. A carta foi dirigida a um jovem discípulo nascido na segunda década do séc. III, na Província do Ponto, na Cidade de Neocesaréia, perto do Mar Negro, na atual Turquia. Esse aluno chamava-se Teodoro, mas, segundo narra Eusébio na *Historia Ecclesiastica* e Jerônimo no *De Viris Illustribus*, batizado, mudou seu nome pelo de Gregório, o *Despertado*. É com esse nome que se tornará famoso como S. Gregório Taumaturgo, bispo da sua cidade natal de Neocesaréia.

A carta de Orígenes recolhida na *Philocalia* foi motivada por um outro texto. Este último de autoria do próprio Gregório. Trata-

1. Cf. HARL, M., "Introduction" a ORIGÈNE, *Philocalie 1-20 sur les Écritures*, Sources Chrétiennes, 302, Paris, Cerf, 1983.

-se, segundo Henri Crouzel, de um documento único na literatura cristã primitiva entre o fim dos tempos apostólicos e o início do monaquismo. O texto é conhecido como Discurso de Agradecimento, ou ainda, *Lógos Charistérios*, ou ainda, segundo Jerônimo, *Panegyrikón Eucharistías*, ou ainda, segundo o historiador Sócrates, *Syntatikós lógos*. Em todo caso trata-se bem de um Discurso no qual, na presença do próprio Orígenes, Gregório, de aproximadamente 28 anos, com uma muito mal contida emoção, lhe agradece tudo aquilo que aprendeu ao longo de oito, para ele muito breves, anos na Escola ou *Didaskaleion* de Cesaréia Marítima, ao noroeste de Jerusalém².

Foi lá que Orígenes, exilado da metrópole cultural do helenismo, que para sempre estará unida a seu nome, Alexandria, dirigiu uma Escola Cristã. A primeira em que, de maneira sistemática, a Filosofia fez parte integrante do que nós chamaríamos currículo acadêmico³.

O interesse do Discurso de Gregório reside principalmente, ao menos para nós que não somos historiadores, no fato de que ele descreve pormenorizadamente o conteúdo e a *ratio studiorum* segundo a qual Orígenes ensinava a ler e compreender as Escrituras Cristãs. Esta era certamente a finalidade do *Didaskaleion* de Cesaréia. No discurso de Gregório, porém, esta finalidade aparece quase que preterida. A maior parte do Discurso é surpreendentemente dedicada à Filosofia...

Sendo impossível resumir neste momento o Discurso de Gregório, destacarei alguns pontos que, tendo em vista a relação do Cristianismo com a Filosofia, parecem-me merecer um maior destaque. Por si mesmos eles nos poderão mostrar as semelhanças e a diferenças de nossos pontos de vista atuais com a forma segundo a qual, faz 18 séculos, a relação entre Filosofia e Cristianismo era experimentada. É assim que um diálogo poderá ser estabelecido e nossos atuais pressupostos poderão ser questionados. Não é também isso a tradição?

O primeiro ponto que merece destaque é o simples fato de que uma escola cristã da primeira metade do séc. III concedesse uma importância tão grande ao estudo da Filosofia e das ciências consideradas propedêuticas: a dialética e as ciências naturais, assim como ao estudo da filosofia moral e de tudo aquilo que nas filosofias antigas ou novas, gregas ou bárbaras, dizia respeito à teologia (no sentido etimológico do termo). A teologia, no sentido especificamente cristão, se bem é a finalidade do conjunto dos estudos (98), é, no Discurso, a parte menos desenvolvida e se identifica exclusivamente com a explicação e in-

2. Cf. CROUZEL, H., "Introduction" a GREGOIRE LE THAUMATURGUE, *Remerciement à Origène. Suivi de la lettre de Origène à Gregoire*, Sources Chrétiennes 148, Paris, Cerf, 1969. As citações do Discurso de Gregório Taumaturgo e da Carta de Orígenes nesta comunicação serão feitas conforme à numeração seguida na edição de Crouzel. O Discurso está também editado na *Patrologia Graeca* de Migne. v. 10, 1049-1104.

3. Cf. CROUZEL, H., *Origènes, Le Sycomore*, Paris-Namur, 1985, p. 46-57.

interpretação das Escrituras. Esse dado relativo ao estudo da Teologia será importante para perceber a diferença com as situações históricas posteriores, quando a relação da Filosofia com o Cristianismo se definirá cada vez mais (sobretudo a partir da crise do séc. XII que de Lubac denominou "a explosão das disciplinas") como uma relação entre a Filosofia e a Teologia dogmática.

A perspectiva atual, que supõe realizada a separação e a balcanização das diferentes disciplinas, a sua autofundamentação e autonomia, não era absolutamente a perspectiva de Gregório. Para ele não parece existir diferença entre Filosofia e Teologia, uma vez que ele mesmo se considerava filósofo ou aprediz de filósofo e, sobretudo, considerava e reverenciava Orígenes como o maior daqueles que *tinham aderido à filosofia* e que, colocando a retórica de lado, *querem buscar exatamente e revelar as realidades mesmas, cada uma como ela é* (4).

Que a doutrina cristã seja filosofia não é uma questão que Gregório se permita duvidar e menos ainda disputar. Essa será uma tradição que os seguidores de Orígenes, dos Capadócius a Erasmo, passando por Bernardo, mantiveram e manterão em todas as épocas. A famosa frase de Erasmo afirmando *plus me docet philosophiae christianae unica Originis pagina quam decem Augustini*⁴, é quase uma *boutade*, mas revela a atração e até a sedução exercida por Orígenes em todas as épocas. Incluída a nossa. É notável que os grandes teólogos deste século, os que o P. Vaz e o querido P. Ávila conheceram e leram quando estudavam teologia em Roma, de Lubac, Daniélou, Balthasar e o próprio Rahner, todos eles tenham-se voltado em seus primeiros escritos para Orígenes...

Mas, voltemos ao séc. III e ao Discurso de Gregório Taumaturgo em homenagem a Orígenes.

A certeza da dignidade filosófica da doutrina cristã que para soberana sobre todo o discurso de Gregório lhe permitirá ao mesmo tempo entregar-se à dialética que ele apresenta como a gramática do espírito e, graças a ela, dedicar-se ao entusiasmo racional (*logikón thauma*) (111) das ciências: a física, *ensinada por Deus*, a geometria e a astronomia, que Gregório denomina "sagradas" porque *nos tornam o céu acessível* (114).

Mas o fruto principal das ciências e do prolongado estudo da Filosofia se recolhe, segundo Gregório, nas *divinas virtudes morais* (115), as quatro virtudes cardeais do helenismo adotadas pelo Cristianismo. A filosofia moral é certamente o fulcro do

4. Carta de Erasmo a Eck, citada por Dom O. Rousseau em ORIGENE, *Homélies sur le Cantique des Cantiques*, Sources Chrétiennes 37, Paris, Cerf, 1953, p. 50.

discurso de Gregório. É porque a Filosofia, qualquer filosofia, se mostra como tal na moral que ela é capaz de promover, que Gregório, fundamentando-se na moral do Cristianismo, não pode deixar de ver nele uma filosofia. Essa é a força da sua argumentação.

É também por isso que o acento polêmico que surge quando ele fala da Ética em seu Discurso não é, de forma alguma, uma polêmica contra a Filosofia, mas contra alguns filósofos. Referindo-se aos estóicos, Gregório afirmava: *é claro que ele (Orígenes) não nos acostumava a produzir discursos sobre as virtudes... Essa é uma vã e inútil disciplina, se a palavra está separada dos atos... Podemos ver muitas pessoas nessa situação.* E acrescenta: *Os outros filósofos, sobretudo os modernos (Gregório chama modernos, neo-teroi, aos estóicos, em oposição aos platônicos que ele denomina antigos), eles principalmente, tão poderosos e vigorosos em palavras, apenas conseguem transmitir a ciência das virtudes àqueles que já a possuem, nunca, porém, decidem alguém a praticá-las* (125-6). Em contraposição a eles, Orígenes exortava sobretudo aos atos; e o fazia mais por seus próprios atos do que pelas suas palavras (126).

É a partir dessa constatação que Gregório, fazendo com que as suas palavras sejam precedidas de mil escusas, apresenta assim a miséria da filosofia do seu tempo: *suplico aos filósofos atuais, aos que pessoalmente conheci ou àqueles de quem ouvi falar, assim como a todos os homens, que não se sintam molestos pelo que agora direi. E que ninguém pense que falo por causa da amizade que sinto por este homem (Orígenes) ou, ainda, por despeito em relação a outros filósofos. Mais do que ninguém quero amá-los por seus discursos, quero louvá-los e ouvir sobre eles os maiores elogios. Mas a situação é tal que quase todos os homens carregam com os piores insultos até o nome mesmo da filosofia. Eu mesmo, por pouco, teria preferido permanecer na total ignorância do que aprender alguma coisa dos ensinamentos que os filósofos professam... cheguei até a pensar que não valesse a pena aproximar-me deles pelo resto da minha vida* (128).

É que, como Orígenes, Gregório teme sobretudo a *philautia*, o satisfeito amor de si mesmo, que põe em perigo todas as virtudes da filosofia⁵.

5. Cf. CROUZEL, H., op. cit., p. 209.

O amigo da sabedoria, o filósofo, deve ser antes de mais nada *amigo das virtudes*. É a sua prática que torna o filósofo *amigo de Deus*, capaz de *assimilar-se a ele pela pureza da sua inteligência, de aproximar-se dele e de nele permanecer*, realizando, ao mesmo tempo, o que Gregório considera *o fim de todos os homens* (149) e a mais bela tarefa da filosofia que se expressava no conselho: *conhece-te a ti mesmo* (141).

Como já dissemos, na narração dos estudos que eram levados a cabo no *Didaskaleion* de Cesaréia, a passagem para a Teologia apenas completa a relação das matérias que eram ensinadas.

É surpreendente que o conteúdo da *didaskalia* teológica seja ainda um estudo massivo da filosofia: Orígenes *julgava bom fazer-nos estudar a filosofia, obrigando-nos a ler com toda a nossa energia todos os textos existentes dos antigos filósofos e poetas, sem rejeitar ou afastar nenhum, porque ainda não possuíamos a capacidade de julgá-los* (151). Unicamente os ateus, que se excluem por si mesmos da teologia, e os epicuristas, que Orígenes considerava “a vergonha da filosofia”, não eram lidos. Quanto ao resto, Orígenes incentivava a leitura sem manifestar preferência ou desprezo por nenhuma escola filosófica, *grega ou bárbara* (153).

É surpreendente que *para tornar-nos aptos para receber a palavra da verdade* (98), um tão longo processo tenha sido julgado necessário e que a filosofia desempenhasse nesse processo a função pedagógica de tanta importância.

Gregório comenta longamente a sabedoria e a habilidade pedagógica desta medida, atribuindo ao Mestre o temor de que a preferência declarada por uma ou outra doutrina suscitasse uma adesão acrítica e fizesse da inteligência do aluno uma espécie de *lã molhada numa tinta para sempre indelével* (154).

Orígenes desejava, pois, que seus alunos participassem, graças às leituras, das querelas entre filósofos e percebessem que a origem destas lutas está numa adesão acrítica e nada filosófica às doutrinas adotadas em primeiro lugar.

É por isso, comenta Gregório, que *nenhum partidário da antiga filosofia (platônica) conseguiu que um partidário da moderna ou um peripatético se voltasse para ele e adotasse a sua doutrina, nem inversamente* (160).

E assim, Orígenes, *com este propósito, nos aconselhava a não nos apegarmos a nenhum filósofo, nem mesmo àquele que tivesse entre os homens a maior reputação de sabedoria, mas unicamente a Deus e a seus profetas* (173).

Mas esse cristianismo irênico e sem sombra de apologia, juvenil e sem complexos que aparece no Discurso do jovem Gregório, parece ter surpreendido o velho Orígenes.

Foi esse, talvez, o motivo que levou Orígenes a pôr os pontos nos *is* escrevendo uma carta que é um pequeno tratado sobre o uso da Filosofia no Cristianismo.

Ao menos foi assim que Gregório Nazianzeno e seu amigo Basílio compreenderam essa carta, e a salvaram do desaparecimento que foi o destino da maior parte da correspondência de Orígenes, colocando-a na *Philocalia* precedida da questão que no início citei: *Quando e para quem as ciências filosóficas são úteis para a interpretação das Sagradas Escrituras segundo o seu próprio testemunho?*

É essa a questão que agora gostaria que fizéssemos nossa. Talvez não seja de todo inútil, tratando nesta manhã da relação Filosofia-Cristianismo, numa Semana Filosófica que comemora o cinquentenário desta Faculdade Eclesiástica de Filosofia e os setenta anos do mais ilustre dos seus professores, ter trazido à memória a primeira Escola Cristã onde, dois séculos antes de Santo Agostinho, dez séculos antes de Tomás de Aquino, faz, pois, quase mil e oitocentos anos, a questão da relação entre Cristianismo e Filosofia (ou, para ser mais exato e sublinhar uma nuance importante), a relação entre Filosofia e Sagrada Escritura, não só foi colocada, como encontrou uma resposta pacífica e institucional.

Pacífica, pois foi na Escola de Orígenes que historicamente foi transposta a etapa que na historiografia eclesiástica é denominada "dos apologetas". Tanto daqueles que, como Justino, pretendiam mostrar, sem muito sucesso, que o Cristianismo também era filosofia; como daqueles que, ao estilo de Taciano, se empenharam em desacreditar a Filosofia para exaltar o Cristianismo⁶.

Na Escola de Cesaréia, sob a proteção do Bispo de Jerusalém, o gênio de Orígenes fez com que desabrochasse o sonho de Clemente de Alexandria: aprofundar a doutrina cristã com a ajuda de uma séria reflexão filosófica. A importância do fato de que esse desabrochar tenha sido também uma instituição, isto é, que pela primeira vez tenha existido uma escola especificamente cristã dedicada ao estudo da Sagrada Escritura e em diálogo permanente com a Filosofia, não é em nada diminuída pela brevidade daquela primavera e nem sequer pela fragilidade da resposta que foi encontrada para resolver a pendência entre a Filosofia grega e o Cristianismo ainda marcado pelo seu hebraísmo original e portador de uma Escritura que ele considerava inalienável, mas que os gregos consideravam bárbara.

Nós somos ainda um fruto daquela floração...

A façanha especulativa de encontrar não só uma *entente*, mas uma síntese entre Atenas e Jerusalém supunha resolver um problema prévio, mas necessário, para que a questão sobre a

6. Cf. SIMONETTI, M., *Cristianesimo antico e cultura greca*, Roma, Borla, 1983, p. 23-44.

utilidade da Filosofia para interpretar a Escritura deixasse de soar como escândalo ou blasfêmia aos ouvidos cristãos. Essa questão prévia está insinuada na última parte da pergunta com que iniciei esta comunicação. Tratava-se, com efeito, de mostrar a utilidade da Filosofia para a interpretação da Escritura, mas, diz o texto, *segundo o seu próprio testemunho*. Era, pois, necessário que o livre acesso à Filosofia por parte do cristão fosse aberto e demonstrado a partir da própria Escritura, e não a partir de qualquer outra exigência exterior ao próprio Cristianismo⁷.

7. Diga-se de passagem que é isto que o sempre agudo Derrida não parece ter percebido quando referindo-se aos alexandrinos, os denomina "promíscuos". Cf. DERRIDA, J., *L'écriture et la différence*, Paris, Seuil, 1967, p. 144.

Justino e sobretudo Clemente de Alexandria prepararam o caminho que Orígenes seguiu e alargou e que seu aluno Gregório talvez tenha sido o primeiro a extrapolar, levado pelo seu entusiasmo. Eles o fizeram utilizando uma linguagem e um tipo de discurso que talvez pode nos parecer chocante, pois estamos longe de perceber a riqueza especulativa que se escondia no gênero alegórico.

Foram duas as principais alegorias utilizadas para encontrar uma saída na dupla face do problema levantado pelo uso da Filosofia na interpretação da Escritura.

A primeira face do problema a ser resolvido supunha reconhecer que nos textos dos filósofos e dos poetas gregos podia existir alguma verdade. Responder afirmativamente não equivaleria a relativizar o absoluto da revelação da Sagrada Escritura? Responder negativamente não significava negar uma evidência, além de criar um problema insolúvel para qualquer estratégia pastoral e missionária da jovem Igreja?

A outra face do problema colocava-se como uma questão de direito: como justificar que um cristão utilize idéias provenientes de um mundo que não é o seu? Essa utilização não equivaleria ao reconhecimento explícito de uma dupla verdade e, portanto, da insuficiência da revelação? Mas, por outro lado, a não-utilização não equivaleria ao isolamento sinagoga e à sectarização do Cristianismo, à negação prática da sua universalidade?

A solução encontrada para, a partir da Escritura, ter livre acesso à Filosofia, como disse, se condensou em duas alegorias principais. A primeira, de origem judeu-alexandrina, é conhecida na tradição como *Furta Graecorum*. Ela explica por que existem fragmentos de verdade na filosofia dos gregos. Simplesmente, eles os roubaram. Nos *Stromata* de Clemente há dezenas de páginas nas quais ele demonstra, por um lado, como Moisés e os profetas são anteriores a Platão, por outro, e partindo dessa precedência cronológica, como existem coincidências e verda-

deiros plágios nos escritos dos poetas e filósofos gregos. Tudo o que eles acertaram, o escutaram escondidos quando Deus falava com seu povo. Às vezes erraram... porque não entendiam bem a língua. *Se non è vero è bene trovato...*

A segunda alegoria é conhecida na tradição como *Spolia Aegyptiorum*. É dela que Orígenes fará uso explícito quando, para moderar o entusiasmo helenizante que Gregório mostrava em seu Discurso, lhe escreve: *eu teria desejado que tomasses da filosofia dos gregos tudo aquilo que pode servir como propedêutica para introduzir ao cristianismo (...) e tudo o que será útil para a interpretação da Escritura. E assim tudo o que os filósofos dizem da geometria e da música, da gramática, da retórica e da astronomia, chamando-as auxiliares, nós o aplicaremos também à própria filosofia em relação ao cristianismo* (1).

A fundamentação desta doutrina, Orígenes a encontra numa passagem do Êxodo onde *Deus em pessoa manda dizer aos filhos de Israel que peçam a seus vizinhos vasos de prata e de ouro, assim como vestidos. Eles deverão despojar os egípcios para encontrar naquilo que receberão o material que servirá para o culto divino. Com os despojos arrancados aos egípcios será, pois, fabricado o Santo dos Santos* (2).

O P. de Lubac, na sua monumental obra sobre a Exegese Medieval, seguiu a pista destas alegorias estudando a sua influência decisiva, a sua evolução e, em muitos casos, o seu endurecimento e alteração. Na análise de De Lubac, tudo mudou quando a relação do Cristianismo com a Filosofia não se realizou mais como um diálogo com a Sagrada Escritura, lida na perspectiva ao mesmo tempo plural e unificada dos quatro sentidos, mas com uma das dimensões dessa leitura, a dogmática, ela mesma separada do sentido literal, do tropológico ou moral e do anagógico ou espiritual, e, o que é pior, travestida em filosofia⁸.

Mas essas são já outras histórias. Daquela que eu tentei contar restará para sempre o fruto que um dos maiores conhecedores da teologia pré-nicena, J. Daniélou, atribuía a Clemente de Alexandria e à escola de Orígenes: o Cristianismo encontrou a ontologia e a ontologia encontrou a história⁹.

É por isso que nós hoje estamos aqui agradecendo ao P. Vaz. Foi nele que nós, seus discípulos, encontramos a ontologia e a história e por isso a possibilidade mesma de sermos teólogos.

Endereço do autor:
Av. Cristiano Guimarães, 2127
31710 — Belo Horizonte — MG

8. Cf. LUBAC, H. de, *Exegèse Médiévale*, III, Paris, Aubier, 1961, p. 418-435.

9. Cf. DANIELOU, J., *Message évangélique et culture hellénistique*, Tournai, Desclée, 1961. Ver especialmente as p. 279-296 onde Daniélou mostra as consequências teológicas da passagem da *apocalipsis* para a *apódeixis*.